

DO NOME-DA-MÃE AO NOME-DO-PAI: FIGURAÇÃO DE IDENTIDADES NO “GRANDE SERTÃO”

*Márcia Marques de Moraes**

RESUMO

Partindo da reiteração da figura materna em alguns textos rosianos, ainda que camuflada, como no significante “etimológico” de “Famigerado”, escandido em “faz-me-gerado, famílias gerado, falmisgeraldo”; a ecoar o nome-da-mãe, o texto se deterá na Bigri, mãe de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*.

Através de significantes recorrentes a caracterizarem, a um só tempo, o amor Diadorim e a mãe Bigri, pretende-se mencionar a relação metonímica entre as duas personagens, figurando o primeiro destino do Édipo a ser cumprido, na busca da identidade de todo “homem humano”.

A partir dessa primeira travessia edípica, apontar-se-á o “nome-do-pai”, no sentido laciano, como uma “invocação” constante de Riobaldo, errando pelo grande sertão. Essa marca da lei que institui o sujeito societário será também figurada; agora, através de metáforas. Tais metáforas paternas deslizarão da ausência do pai “real”, representada na bastardia do narrador e, passando pelo pai imaginário, personificado em Zé Bebelo, culminarão em Joca Ramiro, pai simbólico que sofrerá o parricídio. Dessa forma, não só se cumprirá a segunda prescrição do mito edípico para a constituição da individualidade do sujeito como, ainda, se evocará o mito da horda primitiva, a apontar a necessidade da lei, o eco contínuo do nome-do-pai, na constituição do sujeito social e na instituição do processo civilizador.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas; Literatura e psicanálise; Sujeito e identidade social.

Perscrutando a “escuta” de muitos dos textos rosianos, percebe-se, de modo bem flagrante, a figura materna, aqui tomada como função materna, conforme já adiantou a Crítica maiúscula deste nosso autor. Assim, num rápido passeio por *Primeiras estórias* se verá a mãe, deixada para trás e “adoecida”, respectivamente, em “As margens da alegria”, não por acaso, em alemão, “Die Ufer der

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Autora, entre outros, de *A travessia dos fantasmas: literatura e psicanálise no Grande sertão* (Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001).

Freude” e “Os cimos”, a nortear ou desnortear o menino-viajor. A mãe “era quem regia” (Rosa, 1972, p. 32) em “A terceira margem do rio”, enquanto o pai se retira da cena de uma “regência”. A mãe é a “moça virgem”, branca, preservada, encastelada numa torre de contos-de-fada, tão inacessível que faz o narrador duvidar de sua própria subjetividade: “Eu?”, como bem observou Leyla Perrone-Moisés. Ela é a Mula-Marmela, incomensuralmente mãe, em relação à qual a voz da narrativa incita-nos e admoesta-nos a pensar e meditar: “mulher (...) no crime não arrependida – e guia de um cego” (Rosa, 1972, p. 125), representando mais que a mãe do Retrupé, mas mãe da própria comunidade, a exercer a função “benfazeja”, como frisou Cleusa Rios Passos. Em “Famigerado”, no entanto, conto de jagunços e jagunçagem, se não se vê qualquer figura feminina e muito menos materna, pode-se escutar no verbete não constante do “livro que aprende os palavras”: “fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias gerado...” (Rosa, 1972, p. 11). É assim que Damázio desconfia de que aquele palavrão é “nome de ofensa” e se exaspera, ansioso para obter do doutor letrado o alívio de uma resposta que o livre de ter sido chamado do nome-da-mãe, escandido “lacanianamente” e expresso pela etimologia popular, pela voz do povo. É que, famigerado, permitindo então cruzarem-se os significantes *faz-me-gerado*, *famílias Geraldo*, deixa ecoar questões relativas a “escuro nascimento” (Rosa, 1965, p. 35), questões sobre a bastardia, implicando que Damázio poderia ter sido chamado de filho de uma “prostitutriz”.

Essa associação me leva ao “Grande sertão” onde, em uma das batalhas contra o Hermógenes, Riobaldo, “cismado que maldassem” e desconfiado de “ser feio pegadio” estarem ele e Diadorim “muito tempo juntos” (Rosa, 1965, p. 130), desabafa:

— Se alguém falou mal de mim, não me importo. Mas não quero que me venham me contar! Quem vier contar, e der notícias é esse mesmo que não presta: e leva o putto nome-da-mãe, e de que é filho!...” (...) O senhor sabe: nome-da-mãe, e o depois, quer dizer – meu pinguelo”.¹ Sobre o fato, para de mim não desaprenderem, não se esquecerem, eu pegava o rifle (...). Surgidamente, aí, principiou um desejo que tive – que era o de destruir alguém, a certa pessoa. (Rosa, 1965, p. 131)

Daqui, pulemos para a fazenda “Sempre Verde”, onde vamos encontrar Bebelo sendo julgado e condenado a ser morto por Hermógenes, quando Ramiro tenta “represar os excessos” e “tempera”: “— Mas ele não falou o nome-da-mãe”, amigo... Diante do que, Riobaldo explica ao interlocutor: “Só para o nome-da-mãe ou de ladrão era que não havia remédio, por ser a ofensa grave”. E prossegue: “Com

¹ Quanto ao “meu pinguelo”, vale relembrar o ensaio de Adélia Bezerra de Menezes em que “pinguelo” é ponte, possibilitadora de travessia, é gatilho e tem conotação sexual.

Joca Ramiro explicar assim, não havia jagunço que não aceitasse o razoável da ponderação, o relembado” (grife-se o relembado). (Rosa, 1965, p. 202)

Nessas passagens, pinçadas apenas duas, dentre inúmeras, pode-se perceber a função do nome-de-mãe, nos entrançados fios da narrativa rosiana e acentuá-la, com a própria figura da Bigri, mãe barranqueira do Sítio do Caramujo. Sobre aquele tempo de caramujo, de relação dual com a mãe, de relação, “simbiótica” entre um corpo e sua casa, um corpo e um útero, Riobaldo já dissera, referindo-se a um tal Gramacedo, possível “companhia” esporádica da Bigri:

Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recorro tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado, mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz. O senhor sabe: a coisa mais alonjada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacedo... (Rosa, 1965, p. 35)

E, imediatamente, o narrador do **Grande sertão: veredas** muda de assunto...

A questão, pois, do nome-da-mãe, explicitado ou implicitado, está presente como significante de função materna, nesse Riobaldo que “mistura amores”: o da Bigri e o de Diadorim. O deslizamento do amor por Diadorim para o amor da Bigri representa-se, na ordem discursiva, através da metonímia dos olhos verdes do jagunço que, em várias passagens do romance, lembravam “os olhos de velhice de minha mãe” (Rosa, 1965, p. 115) e através, ainda, da figuração de Diadorim como o buriti, palmeira que, se no canto de João Fulano, em “Cara-de-Bronze” é a “mamãe verde do sertão” (Rosa, 1996, p. 83), nas palavras de Riobaldo, depois de morto, Diadorim é a palmeira namorada da “quadra do entardecer”. (Rosa, 1965, p. 455).²

Aí se vê, pois, outra simbiose, outra contigüidade entre figuras, outra metonímia, não por acaso, nas palavras de Lacan, a expressão do desejo: Diadorim e a Bigri se superpõem através do “interpretante” semiótico: o verde dos olhos e da palmeira, do buriti, fazendo que Cavalcanti Proença, ao identificar Riobaldo com o Urucuia, um rio-baldo, diga: “Acabou-se o Urucuia que nasceu de um buriti, amou um buriti e acabou no São Francisco” (Proença, 1958, p. 42) e que ainda, imaginem, em 1958, escreve:

Os olhos do menino eram verdes, cor das palmas, e quando Riobaldo os reencontra no moço cangaceiro, antes de reconhecer o amor tormentoso, faz a “transfêrência reveladora” (eu enfatizo): “Doçura do olhar dele me transformou para os olhos da velhice de minha mãe”. (Proença, 1958, p. 56)

² Cf. o ensaio “Riobaldo e suas más devassas no contar”, em que exploro mais essa relação metonímica. (Duarte, 2001, p. 151-172)

Assim, através de Diadorim, cujo “através” se ouve até presente no “dia” de seu nome, cumpre-se uma função materna.

Vale lembrar, ainda, que Flávio Aguiar, no seu ensaio “O oco do mundo”, escreveu:

(...) o nome Bigri tem associações com o de Diadorim. Bi lembra duas vezes e Di também lembra dois. Mas compõem uma associação por complementaridade, pois o “dois” do Di de Diadorim remete em primeiro lugar à idéia de divisão, conflito, enquanto Bi de Bigri remete à idéia de duplicação, mãe que é vicariamente pai, fusão de dois seres diversos. (Aguiar, 1998, p. 90-91)

Essa função vicária da Bigri, a desempenhar também o papel de pai de Riobaldo, será retomada agora para passarmos do nome-da-mãe ao nome-do-pai.

É assim que Riobaldo se despede do nome-da-mãe, na sua narrativa:

Minha mãe morreu – apenas a Bigri, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. (Rosa, 1965, p. 87)

Morta a Bigri, o menino Riobaldo será levado para a casa de Selorico Mendes, pai ambíguo, de onde foge pela vergonha de ter sido pilhado bastardo, não sem antes ter conhecido Joca Ramiro, na célebre madrugada de Siruiz. O grande chefe Ramiro chegara à fazenda com uma pequena comitiva de jagunços que lá fora pedir abrigo e esconderijo para o bando. No discurso do narrador, Joca Ramiro é apresentado como “uma sombra arriada na parede” por uma lamparina, para quem o pai Selorico olhava com uma admiração toda perturbosa” (Rosa, 1965, p. 91). Essa sombra do chefe logo se projetará não mais na parede, mas na própria vida de Riobaldo, depois que, fugido da São Gregório, do pai “real” e de sua condição de bastardo, o narrador ingressa no bando jagunço. Aí a figura de Ramiro terá uma função paterna simbólica já que, como chefe de bando, ele representa a lei e é fundador de uma cultura. Não foi pois, a esmo que, morto Ramiro, Riobaldo decreta: “Joca Ramiro morreu como o decreto de uma lei nova” (Rosa, 1965, p. 227). Esse pai simbólico, a cumprir ele mesmo a função paterna está, no discurso do narrador, também representado por um nome. Se, na São Gregório, diante da sombra que pojava volume na parede, tendo escutado o nome do chefe, Riobaldo exclamara:” Joca Ramiro! Só de ouvir o *nome*, eu parei na maior suspensão” (Rosa, 1965, p. 91), no desenrolar da campanha jagunça, no entanto, pertencente, então, aos ramiros, em batalha contra os bebelos, a distância e a inacessibilidade do chefe, sempre longe do bando, levam Riobaldo a ver nele um *nome* só: “Joca Ramiro... esse nem a gente conseguia exato

real, é um nome só, aquela graça, sem autoridade nenhuma, andava por longe, se era que andava”. (Rosa, 1965, p. 140)

Embora ausente e distante na maior parte do tempo, Joca Ramiro será invocado como um nome, um nome só, mas o nome-do-pai, reconhecimento de uma ordem simbólica – a lei e a cultura.

É por isso que a sua morte, anunciada como a segunda revelação da Guaravacã, metaforiza o próprio parricídio como um dos destinos edípicos, pois o assassinato se cumprira por seus comandados, filhos que o traíram; sem falar, ainda, do seu papel de pai “real” de Diadorim, segredo que foi confiado a Riobaldo, às vésperas da primeira travessia do Liso do Sussuarão. É por isso também que a morte de Ramiro representa aquela segunda parte da vida de Riobaldo a que ele se referira quando morreu a Bigri. O anúncio da morte de Ramiro, num lugar ironicamente chamado Jerara, inaugurará um tempo novo para Riobaldo e, não por acaso, uma segunda parte do romance. A partir daí ele marchará com o bando dos ramiros para fazer cumprir um projeto de vingança, a vingança da morte de um pai e pai de Diadorim. O nome-do-pai, no sentido lacaniano, será uma invocação constante de Riobaldo, errando pelo grande sertão, pelejando em favor de uma identidade jagunça assumida a duras penas.

Esse pai simbólico, encarnado por Joca Ramiro, figura, ainda, o pai mítico da horda primitiva que, na leitura freudiana, morto, acaba valendo mais que valera vivo. É que, ao ser banqueteados pelos próprios filhos que passam a disputar entre si as mulheres do pai, acaba-se instalando um “mal-estar na civilização”. Assim, para fazer valer a ordem, seria preciso que a palavra do pai, seu nome, sua lei perdurassem na figura totêmica, ditando normas para as trocas simbólicas da comunidade. É em nome dele que se projetará a cultura; é em nome dele que se instituirá a lei.

A busca e a marca dessa lei que institui o sujeito societário serão ainda, no **Grande sertão: veredas**, representadas através de outras metáforas paternas, que, em menor ou maior grau e em situações distintas, terão a função de pai na vida do jagunço Riobaldo. Se tais metáforas deslizaram da ausência do pai “real”, representada na bastardia do narrador, para projetar-se em Joca Ramiro, pai simbólico que sofreu o parricídio, tiveram elas mesmas uma intermediação.

É que essa passagem, no trajeto de Riobaldo, será mediada por outras figuras masculinas que ritualizarão a sua inscrição na cultura, a pautar-se por uma lei e sua inscrição no simbólico, representado pela linguagem. Se aqui cabem, de uma certa maneira, o Hermógenes, seô Habão e até Quelemém, gostaria de sublinhar, no entanto, a importância da figura de Zé Bebelo como representação para Riobaldo do pai imaginário, isto é, aquele que faz a intermediação entre o real e o simbólico, trabalhando aqui analogamente com a terminologia lacaniana.

De fato, Bebelo reveste-se de muitas das características do pai imaginário, que é, basicamente, uma figura especular: aquela em que se mira para se ver, que

não é o pai real e não tem a dimensão “acabada” do pai simbólico. Assim é Bebelo, figura de espelho para Riobaldo. As metáforas desse espelhamento são inúmeras. Por ora, fiquemos apenas com as reversibilidades que marcam a relação Riobaldo – Zé Bebelo e que apontam para uma mirada especular. Se Bebelo começa como chefe de bando no combate a jagunços, mais tarde será chefe do bando jagunço; se ele toma a chefia de Marcelino Pampa, recusando-se a apenas “ajuntar-se” ao bando, mais tarde entregará a chefia a Riobaldo; se, submetido a julgamento, foi obrigado a retirar-se para Goiás, mais tarde se retirará espontaneamente; se, nos “Tucanos”, submete Riobaldo a escrever-lhe bilhetes para os homens do governo, no final da estória é ele quem escreverá o bilhete para Riobaldo, apresentando-o a Quelemém. Essas inversões e reversões redundam em crises: se o narrador é advogado-de-defesa de Bebelo no julgamento da Sempre-Verde, será quem o condena na Casa dos Tucanos; se tantas vezes se enfarou dele, outras tantas o narrador o elogia; se Riobaldo foi seu professor e secretário na Nhanva, acabou sendo seu aluno, aprendendo com ele lições de vida e retórica. No imaginário do narrador, a figura de Bebelo se mistura: ele é o homem que causa admiração e aversão, alguém de quem se é, a um tempo, aliado e rival; de um dos bebelos, ele passa a jagunço do bando dos ramiros. Assim, se “na tópica do inconsciente”, a travessia do pai real ao pai simbólico se faz através do pai imaginário, é mesmo no imaginário do narrador que Bebelo parece estar, já que é muito maior quando não está presente, revestindo-se de uma dimensão apequenada, “real”, quando convive com Riobaldo.

Outra representação do discurso do narrador do “Grande sertão”, a apontar a relação espelhada entre Bebelo e Riobaldo, está na figura do eco. Assim, se no espelho Bebelo, Riobaldo se mira e se vê, na voz de Bebelo, ele se ouve e se sabe, o que está “gravado”, de fato, na linguagem dos “Tucanos”, através da repetição de frases, reduplicação de palavras, na expressão da gagueira de Riobaldo, na duplicação metalingüística de formas gramaticais. Aliás, ali naquela Casa se recrudescem o espelhamento entre os dois. E, por isso mesmo, no episódio da escrita dos bilhetes, Riobaldo ensaia sua libertação da influência **bebélica** (grifo para que a palavra seja lida também como **babélica**). Ali, Riobaldo tenta a pontuação do eu mesmo, emblemático neste trecho:

E eu, mesmo senti, a verdade duma coisa, forte, com a alegria que me supriu: – eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo! A quase que gritei aquele este nome, meu coração alto gritou. Arre então, quando eu experimentei os gumes dos meus dentes, e terminei de escrever o derradeiro bilhete, eu estive todo tranqüilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto. (Rosa, 1965, p. 253-254)

Essa fala é a própria figuração do percurso do outro ao si mesmo. O “aquele este nome” mostra a passagem de uma identidade que fora balda, vã, no “aquele” e

que, agora, era “este nome”, “tresdito” – “Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo!”. Esse dito três vezes repete-se no polissêmico “aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto”, a apontar, certamente, os pontos finais dos três bilhetes, a finalização daquela tarefa de amanuense, ali, naquela ocasião. No entanto, o ponto reiterado pode significar muito mais: aquele momento em que se assume como Riobaldo é um ponto enfático em sua vida, pelas muitas decisões que tomara em função de suas definições: a de matar Bebelo, se se efetivasse a traição; a de não ser mais o secretário, etimologicamente, o repositório dos segredos e o porta-voz daquela chefia ambígua; e, enfim, a de prestar lealdade aos companheiros.

Assim se representa, pois, Zé Bebelo, “arvorado”, inquieto, loquaz, como a própria figuração do imaginário e de personagem de travessia. Não bastassem as travessias já mencionadas pela Crítica: da natureza à cultura, do sertão à cidade, do arcaico ao moderno, do império à república, há ainda esta: a do real ao simbólico. Por esse prisma, Bebelo apontaria não apenas o movimento, o trânsito, o deslocamento, naquela “perspectiva histórica da mudança”, lida por Arrigucci (Arrigucci, Jr., 1994, p. 17), mas ainda nele se metaforiza a travessia para o simbólico. Se se leu, pois, Bebelo, historicamente,³ lê-se, agora, a personagem como figura representativa da inscrição do sujeito Riobaldo na linguagem.

Assim, se foi através do “pai real”, Selorico Mendes, que Riobaldo aprendeu as primeiras letras, foi através de mestre Lucas que ele chegou a Bebelo, a quem ensina e com quem acaba aprendendo: “Aquele homem me exercitou tonto, ele ô, me fino fez”, porque “ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não” e “(...) como menos de mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado, de reter tudo, sabia muito mais que eu mesmo soubesse”. (Rosa, 1965, p. 100)

Por isso, no Julgamento, é se “exercitando tonto” em função de Bebelo que Riobaldo consegue fazer-lhe a defesa, através de um discurso, repentino e inesperado, calcado na retórica do “cidadão e candidato”: assim, ao discurso de Riobaldo, às suas letras, mistura-se uma retórica alheia, a do Outro, de Bebelo. Aliás, cumpre mencionar, no discurso do narrador, no Julgamento de Bebelo, a quase explicitação da passagem para o pai simbólico através do imaginário, quando se ouve Riobaldo dizer: “Por causa de Bebelo, eu cri em Joca Ramiro”. (Rosa, 1965, p. 217)

³ A linguagem do romance vela, revelando a história que também o escreve. Vale lembrar aqui Bebelo, candidato a deputado, ligado a idéias republicanas, na travessia Império-República “a prometer para perto futuro (...) muita coisa republicana” (Rosa, 1965, p. 104), em que as duas repúblicas, a velha e a nova, duplicam-se, elas mesmas, na “coisa republicana”, coisa e coisa pública (*res publica*), se se toma o caminho etimológico, tão ao gosto rosiano. Vale, ainda, apontar outras expressões da narrativa a sugerirem, matreiramente, o processo histórico: “Mas descemos no **canudo** das desgraças” (Rosa, 1965, p. 229) e “Eu queria formar uma cidade da religião” (Rosa, 1965, p. 235) e, ainda, a expressão euclidiana de um epíteto de Antônio Conselheiro”, “Grande homem pelo avesso” (Cunha, 1979, p. 55), a despistarem a Campanha de Canudos. Mencione-se, também, a fala na batalha final do Paredão: “Primeiro, dum pulo bruto, eu já estava lá, pegando minhas roupas, armado **prestes**”, (Rosa, 1965, p. 438) em que a Coluna Prestes, já tocada anteriormente, torna a ecoar. (Rosa, 1965, p. 77)

Já nos “Tucanos”, ainda mais um passo se dá em direção à linguagem: do exercício oral da linguagem, Riobaldo passa à escrita das missivas, relutando em ser “traidor” dos companheiros jagunços ou apenas “tradutor” de Bebelo.⁴ Percebe-se, naqueles “pontos” lidos da Casa dos Tucanos, o desejo de Riobaldo de ser sujeito de sua própria fala e dono de uma escrita própria.

Nessa linha de raciocínio, parece pois clara a inserção gradual do jagunço Riobaldo na linguagem, o que acabará sendo coroado com a própria personagem do narrador do romance.

Enquanto se constitui como ser de linguagem, o narrador e também personagem Riobaldo marcha para vingar Joca Ramiro, na tentativa de assumir uma identidade jagunça, na peleja para tornar-se sujeito societário da jagunçagem, o que culminará com sua assunção à chefia do bando, como Urutu-Branco, instituindo-se, ele próprio, como um nome-do-pai, pai dos jagunços, companheiros a quem chama, várias vezes, de “meus filhos”.

Assim, essas duas identidades conquistadas, a de ser da linguagem e a de societário jagunço, acabaram, enfim, sendo possíveis a Riobaldo através das figuras simbólicas de pai, através das metáforas paternas, através de um nome de pai, do Nome-do-Pai.

É que, afinal, ainda que só invocado como nome, Joca Ramiro, “um nome só”, mas o Nome-do-Pai, acaba sendo para Riobaldo o reconhecimento de uma ordem simbólica – a lei e a cultura.

É em nome, pois, dessa ordem simbólica que o jagunço consegue, afinal, ser partejado das águas maternas; desgarrando-se do nome da mãe e seus muitos complexos, Riobaldo continua jagunçando e pelejando para constituir-se societário da cultura jagunça. Esse não é senão o “processo civilizador”, nomeado por Freud, que, em síntese, aponta a angústia do ser-no-mundo, tentando recuperar, pela linguagem, as suas muitas perdas nas muitas travessias: a de si ao outro, da individualidade à sociabilidade, do imaginário ao simbólico.

O movimento dessa recuperação é sempre prospectivo: retornar é narrar, é usar a máscara da linguagem para fingir o movimento de volta. Mas esse retorno, embora fingido, é o consolo do sujeito; a sua única possibilidade de conhecer(-se), procurando o sentido de si mesmo, da vida, do mundo, representado pela busca do sentido das palavras, do texto, da literatura.

⁴ Perceba-se o jogo de palavras entre traição e tradução, respectivamente, *tradere* e *traducere*, em que o sentido original de “entregar” desliza para “fazer passar a”, “transmitir”, “conduzir para o outro lado” e, depois, “narrar, contar, dizer” (Faria, s/d., p. 1.010). Em *Grande sertão: veredas*, há, pelo menos dois episódios em que essa ambigüidade é uma estratégia da escrita: nas dúvidas que Riobaldo começa a nutrir sobre Joca Ramiro (Rosa, 1965, p. 105, 117, 132 e 153) e na Casa dos Tucanos (Rosa, 1965, p. 250-252).

ABSTRACT

This study focuses on Bigri, Riobaldo's mother, in *Grande sertão: veredas*, with basis on the reiteration of the mother-figure in some texts by Guimarães Rosa, though camouflaged by the "etymological" signifier of "Famigerado" ("Famigerate"), scanned in "faz-me-gerado, famílias gerado, famisgeraldo" ("makes-me-generated, family-generated", etc., in a play on words suggesting the character's fear of being called "son-of-a-bitch"), echoing the name-of-the-mother.

Through recurring signifiers that characterize, at the same time, Riobaldo's beloved Diadorim and his mother Bigri, this is a study of the metonymic relation between those two characters, a configuration of Oedipus' first fate to be met in the pursuit of identity by every "human man".

From that first Oedipal crossing, the "name-of-the-father" is to be considered, in Lacan's sense, a constant "invocation" of Riobaldo as he wanders through the *sertão* (back lands). This sign of the law that constitutes the societal subject will also be figured, now through metaphors. Such paternal metaphors will slide from the absence of the "real" father, represented by the narrator's bastard origin, and, passing through the imaginary father, personified by Zé Bebelo, will culminate in Joca Ramiro, a symbolic father who will suffer parricide. Thus, not only will the second prescription of the myth be complied with for the constitution of the subject's individuality, but the myth of the primitive horde will be evoked, highlighting the need for law, the continuous echo of the name-of-the-father, in the constitution of the social subject and in the institution of the civilizing process.

Keywords: Grande sertão: veredas; Literature and psychoanalysis; Subject and social identity.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Flávio. O oco do mundo. Os filhos da neblina. In: _____. *O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998. p. 79-102.
- ARRIGUCCI JR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros: de Cláudio a Guimarães Rosa. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 135-160.
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: _____. *Tese e antítese*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978. p. 119-139.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- DOR, Joel. **O pai e sua função em psicanálise**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: MEC, [19--].
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. (1913 [1912-13]) Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13)
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- LACAN, J. **Escritos**. Trad. Inês Oseki-Depré *et al.* São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O Seminário; livro 2; o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Trad. Marie Christine Lazni Perrot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. Trad. Durval Checchinato. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUPS, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo hoje**. Trad. Malcolm B. Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MENEZES, Adélia Bezerra de. O homem do Pinguelo: uma leitura aristotélico-psicanalítica. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 14-23, 2º sem. 1998.
- MORAIS, Márcia Marques de. Riobaldo e suas más devassas no contar. In: DUARTE, Lélia P.; ALVES, M. Theresa Abelha. **Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001. p. 151-172.
- PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. A função materna em Guimarães Rosa: renúncia e dom. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 50-58, 2º sem. 1998.
- PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias**. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2000.
- PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. In: _____. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte/ Companhia das Letras, 1987. p. 307-327.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa. In: _____. **Flores da escrivaniha**. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 111-116.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. **Trilhas no Grande Sertão**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/MEC, 1958.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.
- ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. (Corpo de Baile) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 79-136.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- TAVARES, Hugo César. **Introdução aos conceitos fundamentais da teoria lacaniana**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.